

## SUBJETIVIDADE E LINGUAGEM: Um Caminho Possível\*

Maria Cecília Casagrande Tavoloni (Letras - IL - UFMT)

É na linguagem que o indivíduo se torna sujeito e é também onde transcende essa categoria e adquire subjetivação. É transcendendo os seus próprios limites que a linguagem fixa-se a si mesma possibilitando ao sujeito sua subjetividade.

É ultrapassando os limites que ela mesma impõe a si mesma que multiplica o falante e reflete um corpo que encerra uma linguagem escondida.

No dizer de Klossowski “Não há nada de mais verbal dos que os excessos da carne...”<sup>1</sup>

É esse o paradoxo da linguagem e também do sujeito: ser inseparável de um deslocamento, de um desenvolvimento que carrega sua própria origem.

Entretanto, o sujeito para conquistar a linguagem enfrenta uma longa travessia na qual ele passa de indivíduo a sujeito e de sujeito à subjetivação; da profundidade sem fundos dos corpos à superfície infinita; do ruído dos estados de coisas ao acontecimento, do simulacro ao fantasma, da identidade infinita à indeterminação.

O movimento do sujeito é portanto um movimento complicado - o sujeito tem uma **história embrulhada** - que compreende a passagem por um imaginário primeiro onde se apresenta primeiramente como simulacro/ídolo passando do ruído à voz, e por um imaginário segundo onde ganha a superfície lingüística e se torna palavra / discurso. Transcedendo essa mesma superfície ganha uma terceira margem ou superfície descontínua onde se transforma em singularidade dispersa.

Dois mecanismos são importantes e orientam essa travessia: a dialética das identificações e a especularização fantasmática.

Pela dialética das identificações, o sujeito antes corpo espedaçado num abismo indiferenciado e sem fundo, ruma à produção da superfície, ao contínuo sonoro onde encontra primeiramente a voz da mãe. Defronta-se assim com o pré-lingüístico ou o preexistente, assegurando o primeiro esboço da

\* Este artigo é parte da tese de doutorado *Pequenas Estórias: Subjetividades Loucas e Poéticas*. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, 1992.

<sup>1</sup> Klossowski. *Un si funeste désir*. Gallimard, 1963, p. 126. 127.

escultura ou a primeira etapa de uma formação da linguagem.

O som se liberta da profundidade ruidosa das crepitações - explosões e dos gritos - sopros inarticulados e se aproxima da voz. Funcionando como porta voz da criança, a mãe traz o preexistente, é uma voz familiar que carrega a tradição em que já se trata da criança sob a espécie de seu nome e em que ela deve se inserir antes mesmo de compreender.

O sujeito vive aqui o imaginário primário onde forma com a mãe uma díade primitiva. Ele é turno a turno significante ou significado, enunciado ou enunciação. Assim a voz é paradoxal. Ela deixou de ser ruído mas é ainda linguagem.

De certa maneira esta voz dispõe mesmo de todas as dimensões da linguagem organizada sem poder tornar ainda apreensível o princípio de organização segundo o qual ela será própria uma linguagem.

É com a percepção do outro como um terceiro, diferente portanto do outro da díade primitiva, que o sujeito ganha uma primeira superfície e aguarda a segunda.

Agora o sujeito se confronta com seu próprio drama. Excluído da relação dual, ele se coloca na posição de zero para que possa surgir como um na estrutura lingüística e atravessar essa mesma estrutura como singularidade dispersa ou acontecimento.

Ele é agora um ponto, está no lugar do falo do imaginário, primário, por isso a superfície lingüística tem natureza sexual.

Este ponto vai ser designado, manifestado, expresso, e, portanto, verbalmente representado. Daí decorrerá toda a ordenação da linguagem com seu código de determinações fundadas por sua vez em representações "objetais" (designação, manifestação, significação: indivíduo, pessoa, conceito, mundo, ego).

O eu busca seu invólucro pulsional, a relação de objeto na sua relação com o outro. Passa-se da voz à palavra.

O movimento do sujeito é aqui o das identificações secundárias ou o das relações de objeto. Esse movimento tem sua representação na cadeia pronominal eu/tu.

Mas aqui ainda não há a linguagem. Ela espera ainda o resultado, isto é o acontecimento que tornará sua formação efetiva. É preciso atingir a outra superfície ou a segunda tela, o resultado ou o efeito da ação que é completamente diferente da ação, energia neutra ou dessexualizada, superfície cerebral ou metafísica onde o sujeito é singularidade dispersa.<sup>2</sup>

O movimento do sujeito como singularidade dispersa é a

<sup>2</sup> Deleuze, G. **Lógica do Sentido**. São Paulo, Editora Perspectiva, estudos, 1974, p. 226



especularização fantasmática: movimento intransitivo onde o sujeito se ausenta da relação de objeto e se dobra sobre si mesmo na sua multiplicidade especular.

O acontecimento é assim não o começo mas a possibilidade da linguagem. É a fronteira ou relação do que antes eram domínios separados, o corpo e a linguagem que têm seu começo na palavra. Ele tem assim duas faces: numa face é atributo de estados de coisas (a face voltada para as coisas), na outra é expressão da proposição (é a face voltada para as palavras).

O acontecimento não é expresso fora da linguagem. Sem se confundir com a expressão ele expressa o que está fora da expressão, o estado de coisas, dele se distinguindo.

Tudo é reordenado, recomeçado e coexistente no acontecimento, de modo que conterà sempre uma história sexual que não será jamais designada, manifestada, nem significada por si mesma, mas que coexistirá em todas as operações de linguagem, recordando o pertencer sexual dos elementos lingüísticos formadores.<sup>3</sup>

Retomando as palavras de Pontalis: "Sem o peso das coisas a palavra não tem efeito - a linguagem só é realmente linguagem, exercício da subjetividade, se carrega nela o que não é ela mesma. Não é a linguagem que faz a linguagem. Por que o sentido será mais forte que a imagem para designar aquilo que nenhum sentido encerra?"<sup>4</sup>

O movimento do sujeito é assim a ressonância de uma dimensão na outra, é pendular. É uma operação que supõe a dessexualização como desenvolvimento do objeto mas também um reinvestimento do objeto sexual enquanto sexual pela energia dessexualizada.<sup>5</sup>

O sujeito tem assim um traçado marcado por diferentes linhas e cortes. A história do sujeito é uma superposição em camadas, um perpétuo entrelaçamento entre elas. **É uma história embaralhada.**

Sua natureza é topográfica, mesmo que a topografia muitas vezes se apresente travestida no histórico, assim como a subjetivação muitas vezes se traveste no eu. O histórico, o ideológico - discursivo, é sem dúvida um aspecto fundamental na sua constituição, mas não o único nem o seu mais importante topos.

Privilegiar o histórico ou a ele se restringir no movimento da subjetividade implica numa postura reducionista e numa visão transcendental do mundo e do sujeito. Nessa visão, há a necessidade

---

<sup>3</sup> Deleuze, op. cit., p. 251.

<sup>4</sup> Pontalis, J. B. in Folha de São Paulo "Primeira Leitura", 18/06/88.

<sup>5</sup> Deleuze, op. cit., p. 224.

de ligar sempre o sujeito às suas causas, mesmo que Deus como individualidade originária, e o Eu como pessoa sejam substituídos pelo complexo das formações ideológicas. Nessa visão, tende-se a igualar a diferença do sujeito a uma contrariedade desmedida e a contrariedade a uma identidade ela própria infinita.<sup>6</sup>

Se essa causalidade existe para o sujeito e o caracteriza enquanto “sujeito do esquecimento” - assujeitado a uma ordem que desconhece numa relação de enunciados que lhe possibilita a ilusão de transparência e unidade - ela é subordinada a uma outra ordem.

Essa outra ordem é a de quase causalidade - a experiência nua da linguagem onde some o sujeito que fala. Seu lugar é o vazio ou o espaçamento do próprio dizer, entre o dizer e o ser, entre o eu falo e o eu sou, e portanto tangível nas falhas do discurso.

Preso nas malhas da linguagem pelo sistema simbólico, pela rede significante a ele preexistente que o condiciona antes mesmo do seu nascimento, o sujeito faz sua primeira inscrição.

Por essa inscrição ele se divide na própria linguagem em sujeito do discurso e sujeito do inconsciente e marca seu lugar no interior dessa própria inscrição fazendo ressoar essas duas dimensões conquistando sua univocidade.

É o diálogo entre Análise do Discurso, fundamentada basicamente em Pêcheux (1975), a Psicanálise e Filosofia da Diferença de Deleuze em **Lógica do Sentido** que orienta o traçado teórico desse sujeito e uma reflexão mais sistemática das relações do sujeito com a linguagem.

Embora com objetos de estudo diferentes, o discurso na Análise do Discurso, o inconsciente na Psicanálise, e as singularidades dispersas, na Filosofia da Diferença, e, com perspectivas diferentes, essas regiões de conhecimento partem de um mesmo pressuposto - o descentramento do sujeito. Opõem-se portanto a uma postura idealista onde a subjetividade aparece como força, origem, ponto de partida, certeza subjetiva.

É o descentramento do sujeito o que de certa forma orienta o diálogo entre essas regiões.

A Análise do Discurso fundamentando-se numa teoria não subjetiva da subjetividade é capaz de dar conta da ilusão da autonomia e unidade do sujeito enquanto efeitos ideológicos da “interpelação do indivíduo em sujeito” e de desmistificar essa evidência. Na Análise do Discurso o sujeito não é visto como síntese, mas como provisória unidade, contradição, dispersão.

Essa teoria representa um grande avanço no estudo da

---

<sup>6</sup> Deleuze, op. cit., p. 178.



subjetividade em relação à lingüística tradicional onde o sujeito era praticamente apartado, inexistente; ou à Teoria da Enunciação onde o sujeito aparece como fonte da linguagem e de seu dizer.

Entretanto, à medida em que seu foco de atenção é a construção da identidade do sujeito - a fragmentação do eu discursivo, unidade de sua dispersão, ou ainda as diferentes posições que o "eu" toma em relação às diferentes formações discursivas - que a Análise do Discurso mobiliza através de seus procedimentos lingüístico - discursivos ideológicos é o sistema identificatório do sujeito.

A subjetividade nesse nível se desenvolve no eixo eu/tu e é identificada com a consciência ou com a ampliação da mesma.

Podemos falar em ampliação da consciência à medida em que o sujeito, o eu discursivo, é apresentado como descentrado de si mesmo, sendo a onipotência e a certeza subjetiva posta em cheque.

Assim, nesse domínio, o opaco não é reconhecido como ameaça à consciência, mas pelo contrário trata-se da própria consciência expandindo seus domínios.

Embora Pêcheux ao estabelecer o quadro teórico da Análise do Discurso mencione a necessidade de uma teoria do discurso ser atravessada pela Psicanálise, os pressupostos lacanianos por ele utilizados nesse quadro têm como função:

1) apontar a relação entre inconsciente e ideologia: "o recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente ligados sem ser confundidos, no interior do que se poderia designar como o processo do Significante na interpelação e identificação do sujeito, processo pelo qual se realiza o que nós chamamos as condições ideológicas da reprodução / transformação das relações de produção"<sup>7</sup>

2) esclarecer o assujeitamento ideológico como processo inconsciente. "O significante é parte dominante na interpelação - identificação do indivíduo em sujeito: "um significante representa o sujeito para um outro significante", o que quer dizer que o significante não representa nada para o sujeito, mas opera sobre o sujeito fora de todo embargo. Isso significa que o "sujeito" se produz do "não sujeito", que é lá onde o não sentido das representações que não são de ninguém, que se descubra o lugar do sujeito que toma posição em relação a elas, aceitando-as, rejeitando-as ou colocando-as em dúvida"<sup>8</sup>

Pêcheux reconhece a necessidade de não se perder de vista a

<sup>7</sup> Pêcheux, M., **Les Vérités de la Palice**. Paris. Maspero, 1<sup>o</sup>975, p. 123.

<sup>8</sup> Pêcheux, M. op. cit., p. 240

especificidade do objeto da descoberta freudiana mas argumenta a não aplicação imediata das particularidades dessa descoberta em seu trabalho. Aponta que o caráter material histórico da não conexidade do pensamento possa ser certamente um dos pontos pelos quais a relação entre inconsciente e ideologia possa avançar em direção a uma solução que até o momento para ele permanece informulável como tal.

Portanto a Análise do Discurso recobre, assim, a subjetividade enquanto eu, a relação do sujeito com a ideologia, recobrando o seu topos histórico ou discursivo. No dizer de Pêcheux (1975), observar o processo de constituição do sentido e do sujeito é observar o teatro da consciência onde a evidência do sujeito esconde que o eu discursivo resulta de uma identificação.

Vale ressaltar entretanto que os mecanismos e processos pertinentes à Análise do Discurso no desvendamento do processo identificatório do sujeito são importantes pois representam a possibilidade de uma observação mais sistemática da fragmentação do eu na materialidade lingüística.

É porém a Psicanálise e a Filosofia da Diferença de Deleuze em **Lógica do Sentido** que orientam de uma forma mais sistemática a travessia da categoria de pessoa, do eu, da consciência e chegar até o sujeito da fala, às falhas do discurso ou às falhas da consciência, onde a história do sujeito se mistura com a sua estória.

Na Psicanálise a relação entre enunciados - lugar da constituição da personalidade - é substituída pela tensão de uma enunciação de denunciar a estranheza da lógica identificatória relativamente ao outro.

Se o sujeito remete a algum lugar, esse é um "lugar nenhum" que, diferente do vácuo, é seu desejo inicial, seu eterno recomeço, seu espaçamento.

O sujeito agora se esconde no enunciado, sendo excêntrico a ele. O enunciado é seu enigma. Não mais se subordinando às leis da linguagem ordinária ou do discursivo, ele se solta e se liberta na mesma linguagem que um dia o aprisionou e lhe deu uma liberdade provisória.

Paul Henry (1977) nos fala da presença do sujeito da enunciação sobre o sujeito do enunciado nos brancos ou vazios discursivos decorrentes da rachadura da dimensão do discurso pela imposição da sintaxe ou da linearidade lingüística. Essa rachadura põe em evidência a autonomia relativa da língua e o desdobramento da forma sujeito, sujeito do desejo e sujeito da ideologia, mesmo que enquanto efeito material sejam irreduzíveis um ao outro.



Esse desdobramento da forma sujeito e portanto a presença do sujeito da enunciação sobre o enunciado, Paul Henry nos demonstra também na possibilidade de interpretação dos sonhos através da interpretação de Freud do seu sonho sobre a monografia botânica.

A interpretação dos sonhos nos mostra que a confusão do sujeito da enunciação com o sujeito do enunciado no discurso ordinário é mero efeito da sintaxe que assegura a identificação automática daquele que é designado como eu com aquele que fala. Entre o eu do discurso comum e o eu do sonho há um deslizamento que corresponde ao desdobramento da forma-sujeito. No sonho ao mesmo tempo que o sonhador se vê pelo viés da fala de um outro, ele se coloca fora do tempo e de sua individualidade, ele acede ao intemporal que o remete a suas raízes inconscientes.

Esse desdobramento é marcado na autonomia relativa da língua, e o que faz com que o sujeito seja sempre por sua vez sujeito da ideologia e sujeito do inconsciente é o fato de que nossos corpos são tomados na linguagem. Não perceber essa alienação quase existencial é esquecer que a linguagem é o que torna possível uma apropriação do real como a discordância do sujeito com sua própria realidade, discordância da qual a neurose e a psicose representam as formas dramáticas.

O trabalho de Paul Henry retrata assim a necessidade de estreitas relações entre a Análise do Discurso e a Psicanálise na compreensão do sujeito e da linguagem sendo seu trabalho muito importante para a compreensão da subjetividade.

Esse estreitamento de relações vem ganhando força nos trabalhos mais recentes de Análise do Discurso à medida que a prática de análise dos discursos se depara com certos impasses no interior de sua própria teoria.

Tais impasses conforme nos aponta o próprio Pêcheux (1983) dizem respeito a uma espécie de “vacilação discursiva” onde a insistência da alteridade na identidade discursiva - o primado do outro sobre o mesmo - se acentua colocando assim em causa o fechamento desta identidade e empurrando até o limite a crise da máquina discursiva estrutural em prol do discurso como acontecimento.

Com isso, ainda conforme as palavras de Pêcheux a respeito dos novos rumos da Análise do Discurso, a questão do sujeito da enunciação posta em termos da ilusão do ego-eu como resultado do assujeitamento produzido pela ignorância das causas que o determinam sofre também um remanejamento.

“A opacidade da homogeneidade enunciativa da cada se-

seqüência discursiva é substituída pela heterogeneidade enunciativa que conduz ao mesmo tempo a tematizar as formas lingüístico - discursivas do discurso - outro:

— discurso de um outro colocado em cena pelo sujeito ou discurso do sujeito se colocando em cena como um outro.

— mas também e sobretudo a insistência de um “além” interdiscursivo que vem, aquém de todo autocontrole funcional do “ego-eu”, enunciador estratégico que coloca em cena “sua” seqüência, estruturar essa encenação (nos pontos de identidade nos quais o “ego-eu” se instala), ao mesmo tempo em que a desestabiliza (nos pontos de deriva em que o sujeito passa no outro, onde o controle estratégico de seu discurso lhe escapa)”<sup>9</sup>

Esses novos rumos da Análise de Discurso, onde a maquinaria discursiva engendra cada vez mais suas próprias fugas, permitem-nos situá-la como um campo de ressonância em relação à Psicanálise e à Filosofia da Diferença. Esses campos ressoam na busca de definição de um esforço de problematização do sujeito e da linguagem.

O sujeito na Filosofia da Diferença é um duplo de si mesmo. É a construção de um duplo que comporta o máximo de modificações no próprio duplo. É o grau zero do sujeito onde se dissolve sua própria imagem, e onde se dá a suspensão de qualquer captura ou submissão. É a fragmentação de si mesmo tomado na seqüência de imagens em vez de representação objetal.

O sujeito é o seu mesmo e o seu diferente sendo a experiência de sujeito compreendida enquanto a busca de sua identidade e ao mesmo tempo a afirmação de sua dirença.

O sujeito enquanto **subjetivação** tem um estatuto **ético**, sendo a Filosofia da Diferença quem melhor nos explicita esse seu estatuto.

Deleuze, retomando Foucault, nos explica que a subjetivação é a dimensão onde o sujeito deixa de se relacionar com as forças, ou seja, abandona as relações de poder para se relacionar consigo mesmo. “Trata-se de uma relação da força consigo (enquanto o poder era uma relação com outras forças), trata-se de uma 'dobra' de um retorno da força sobre si.”<sup>10</sup>

A idéia de transgressão é absolutamente central para a subjetivação e diz respeito a uma dinâmica específica entre, por um lado, a lei e o destino que a ordem pretende traçar, por outro lado, à

<sup>9</sup> Pêcheux, M. “A Análise de Discurso: Três Épocas (1983) in **Por uma análise automática do Discurso**. Uma Introdução à obra de Michel Pêcheux. Organizadores: François Gadet; Tony Hak, tradutores: Bethania S. Mariano \*et ali). Campinas: Editora Unicamp 1990, pgs. 315-316.

<sup>10</sup> Deleuze, G. in **O Granito do Saber e do Poder**. Primeira Leitura. Folha de São Paulo, 20 de setembro de 1986.



transgressão como forma de superar o destino.

Para esse sujeito a moral não quer dizer mais nada além de não ser indigno daquilo que nos acontece. Pois tornar-se digno daquilo que nos ocorre é libertar-se da relação accidental, da temporalidade, guardando a efetivação dos fatos apenas um contorno para que eles possam voltar na figuração do acontecimento.

O sujeito assim está sempre na situação de desempenhar um papel que desempenha outros papéis, está sempre em multiplicação. Ele é um contra-eu, o "agente" ou a 4ª pessoa do singular<sup>11</sup>. O sujeito é o seu próprio acontecimento na linguagem.

Só no acontecimento o homem é livre. Aqui o outro é estranho, separado numa radical alteridade. Entre o outro e o eu há uma interrupção de ser: nem outro eu nem outra existência, nem outra realidade, simplesmente o desconhecido - região estranha à visibilidade sem que no entanto seja completamente invisível. Abertura para uma alteridade desconcertante.

Na dimensão do acontecimento a linguagem revigora sua própria força.

Na Psicanálise o estatuto ético da subjetivação é marcado pelo topos trágico que faz do sujeito um problema que não comporta respostas, um enigma onde o duplo sentido permanece indecifrável.

Esse enigma entretanto não diz respeito à profundidade sem fundo da mistura dos corpos, nem ao ídolo transcendente das alturas, mas tem como mecanismo a perversão da superfície pela fantasmagoria. É o próprio enigma da condição humana inscrito na tênue película da superfície que o exhibe. É o desnudamento do sujeito no embate com o jogo de forças contraditórias às quais o homem, a sociedade, a cultura estão submetidos implicando tensões e conflitos.

A Psicanálise traz em si uma espécie de saber, uma teoria a respeito da lógica ilógica que preside a ordem de nossas atividades de homem onde a existência humana acede à consciência ao mesmo tempo exaltada e lúcida<sup>12</sup>

A Análise do Discurso, a Psicanálise e a Filosofia da Diferença, cada qual dentro de seu referencial teórico nos conduz ao desmascaramento do ego, da ilusão constitutiva do sujeito, que é o que paradoxalmente permite sua existência, e, portanto a uma possível compreensão do sujeito na sua complexidade.

O conhecimento do desconhecimento constitutivo do sujeito,

---

<sup>11</sup> Deleuze, op. cit., p. 153.

<sup>12</sup> Berlinck, M. T. "Tempos do Édipo" in **Tempo do Desejo**. São Paulo, Brasiliense, 1988.

conforme Lacan, acaba com as certezas do sujeito, desmistifica-o, coloca o homem na sua real dimensão, a nudez, condição de liberação de nossa humanidade.

O que nos perguntamos depois desse trajeto é em que condições reais na sociedade em que vivemos esse desmascaramento é mais evidente?

Ou ainda: Seria esse conhecimento do desconhecimento constitutivo do sujeito condição suficiente de sua liberação?

Não haveria outras saídas mais satisfatórias onde a crítica é encarregada pelo próprio viver, ou seja, subjetividades onde o desconhecimento constitutivo do sujeito e o conhecimento desse desconhecimento coexistem paradoxalmente? Subjetividades inscritas/escritas não na contradição mas na diferença?



## Bibliografia

- AULAGNIER, P. **La violence de l'interpretation**. Press Universitaire de France, 1975.
- BERLINCK, M. T. "Tempos do Édipo". In **Tempo do Desejo**. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- DELEUZE, G. **Lógica do Sentido**. São Paulo, Editora Perspectiva, estudos. 1974.
- \_\_\_\_\_. **O Granito do Saber e do Poder**. Primeira Leitura. Folha de São Paulo, 20 de setembro de 1986.
- HENRY, Paul. "Sujet Langage et Savoir". In **Le Mauvais Outil - Langue, Sujet et Discours**. Paris. Éditions Klincksieck, 1977.
- IRIGARY, L. **Parler n'est jamais neutre**. Paris. Les Éditions De Minuit, 1985.
- KLOSSWSKI. **Un si funeste désir**. Paris, Gallimard, 1963.
- LACAN, J. **O Seminário, Livro 1: Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- \_\_\_\_\_. **O Seminário Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- LEMAIRE, A. **Jacques Lacan uma Introdução**. Rio de Janeiro, Editora Campos Ltda. 1979.
- PÊCHEUX, M. **Les Vérites de la Palice**. Paris, Maspero, 1975.
- PÊCHEUX, M. FUCHS, C.; HENRY, P. "Analyse du discours, langue et idéologies". In **Langages 37**. Paris, Dedier Larousse, 1975.
- PÊCHEUX, M. **Por Uma Análise Automática Do Discurso: Uma Introdução à obra de Michael Pêcheux**. Organizadores: François Gadet; Tony Hak; tradutores: Bethania S. Mariani... (et ali). Campinas, Editora UNICAMP, 1990.
- PÊCHEUX, M. **O Discurso**. Estrutura ou Acontecimento. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP, Pontes, 1990.
- PONTALIS, J. B. in **Folha de São Paulo**, "Primeira Leitura", 18/06/88.